
EMOÇÕES, MORTE E PANDEMIA: O DIA DE FINADOS E OS CEMITÉRIOS A PARTIR DE VIVÊNCIAS MÚLTIPLAS

EMOTIONS, DEATH AND PANDEMIC: All souls' day and cemeteries from multiple experiences

EMOCIONES, MUERTE Y PANDEMIA: El día de los difuntos y los cementerios desde vivencias múltiples

Elisa Gonçalves Rodrigues¹

<http://lattes.cnpq.br/2862672148883935>

<https://orcid.org/0000-0001-7309-0404>

Renata de Godoy²

<http://lattes.cnpq.br/5173744417832044>

<https://orcid.org/0000-0002-8138-8670>

RESUMO: O presente artigo é um recorte da monografia da primeira autora, sob orientação da segunda autora, e experimenta através dos sentidos, bem como rememora momentos e ritos fúnebres com perspectivas pré-pandêmicas e pandêmicas, especialmente narrando sobre lugares de Belém, no Pará. O Dia de Finados de 2019, no Cemitério Santa Izabel, o último passado em sua completude no espaço cemiterial sem as interferências pandêmicas no sentir e no fazer ritualístico do morrer, é o protagonista deste texto. Em contraste, durante a pandemia, também visitamos e revisitamos o dia dos mortos. Através da Antropologia das Emoções, da Morte e da Arqueologia Sensorial, amparadas por

¹ Doutoranda e Mestra em Sociologia e Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA-UFPA). Psicanalista em formação pelo Corpo Freudiano (Seção Belém). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisadora vinculada à Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) e à Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Coordenadora do Grupo de Estudos em Antropologia da Morte (GEAM). Membro do Grupo de Pesquisa Antropologia das Paisagens: memórias e imaginários na Amazônia (NAVERRÂNCIAS). Tem experiência nas áreas de Antropologia e Estudos Cemiteriais, especialmente nos seguintes temas: Antropologia da Morte, das Emoções e Urbana, Imaginário, Memória, Morte, Luto, Ritos Funerários e Santos Populares/Milagreiros. E-mail: elisagoncalves00@gmail.com

² Possui títulos de Ph.D. em Antropologia/Arqueologia pela Universidade da Flórida/EUA (2012), Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural/Arqueologia (2003) e Graduação em Arquitetura e Urbanismo (2001) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO). Sua principal área de atuação é Arqueologia Contemporânea e/ou Arqueologia Patrimonial, envolvendo temas tais como Gestão do Patrimônio Cultural, Urbanismo, Turismo e Antropologia. É sócia efetiva da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). É professora adjunta da Universidade Federal do Pará, na Faculdade de Ciências Sociais (FCS-IFCH/UFPA), e professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-ITEC/UFPA). É professora permanente e atualmente é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA-IFCH/UFPA), biênio 2022/2024, biênio 2024/2026. E-mail: godoy@ufpa.br

dados etnográficos coletados através de entrevistas individuais e das nossas próprias experiências sensoriais, visamos compreender diferentes tipos de interpretações sobre a morte, sobre emoções relacionados à morte, e às emoções ligadas aos lugares que remetem a morte. A pandemia da Covid-19 modificou os rituais, mas não foi capaz de exterminar nem mesmo aqueles celebrativos, como o Dia das Bruxas. O rito funerário, antes vivido e vivenciado, fora amplamente impactado e desordenado pela pandemia de Covid-19, o que demonstramos a partir de nossas próprias vivências e expectativas, perspectivas individuais, bem como percepções acerca de ausências corporais, emocionais e sociais durante este período.

Palavras-Chave: Antropologia das Emoções. Antropologia da Morte. Turismo Cemiterial. Covid-19. Belém.

ABSTRACT: This article experiences through the senses and recalls so-called funeral moments with pre-pandemic and pandemic perspectives, especially narrating about places in Belém, Pará. cemetery and in the burial rite, without the pandemic interference in the feeling and ritualistic doing of dying, is the protagonist of this text. In contrast, during the pandemic we also visited and revisited the day of the dead during. Through the Anthropology of Emotions, Death and Sensory Archeology, supported by ethnographic data collected through individual interviews and our own sensory experiences, we aim to understand different types of interpretations about death, about feelings related to death, and feelings related to places that refer to death, how. The Covid 19 pandemic modified the rituals, but it was not able to exterminate even that celebratory one, on Halloween. from our own experiences and expectations, individual perspectives, as well as perceptions about bodily, emotional and social absences.

Keywords: Anthropology of Emotions. Anthropology of Death. Cemetery Tourism. Covid-19. Belém.

RESUMEN: El presente artículo es un extracto de la monografía de la primera autora, bajo la orientación de la segunda autora, y experimenta a través de los sentidos, así como rememora momentos y rituales fúnebres desde perspectivas pre-pandémicas y pandémicas, narrando especialmente lugares de Belém, en Pará. El Día de los Difuntos de 2019, en el Cementerio Santa Izabel, el último vivido en su totalidad en el espacio del cementerio sin las interferencias pandémicas en el sentir y en el hacer ritualístico de la muerte, es el protagonista de este texto. En contraste, durante la pandemia, también visitamos y revisitamos el Día de los Muertos. A través de la Antropología de las Emociones, la Muerte y la Arqueología Sensorial, apoyadas en datos etnográficos recolectados mediante entrevistas individuales y nuestras propias experiencias sensoriales, buscamos comprender diferentes tipos de interpretaciones sobre la muerte, las emociones relacionadas con la muerte y las emociones vinculadas a los lugares que evocan la muerte. La pandemia de Covid-19 modificó los rituales, pero no logró extinguir ni siquiera aquellos celebrativos, como el Día de Brujas. El ritual funerario, antes vivido y experimentado, fue ampliamente impactado y desordenado por la

pandemia de Covid-19, lo que demostramos a partir de nuestras propias vivencias y expectativas, perspectivas individuales, así como percepciones sobre las ausencias corporales, emocionales y sociales durante este período.

Palabras-Clave: Antropología de las Emociones. Antropología de la Muerte. Turismo Cemeterial. Covid-19. Belém.

INTRODUÇÃO

Como descrever as emoções sobre a morte? Tal inquietação nos levou ao presente artigo, fruto de uma pesquisa corajosa de Ciências Sociais e de outras vivências que pareciam desconexas num passado recente. A seguir apresentamos dados relativos a uma incursão etnográfica intensiva realizada no dia dois de novembro de 2019, no Dia de Finados, realizada pelas autoras. Em adição, apresentamos percepções e perspectivas atuais e pandêmicas enquanto pesquisadoras, cientistas sociais, antropólogas e arqueólogas, entendendo as tantas visões únicas e produtos de seu tempo.

Locais fúnebres são experiências emocionais, poderíamos dizer, visto que evocam emoções de perda, de dor, de luto. O Dia de Finados de 2019, no Cemitério Santa Izabel, o último passado em sua completude no espaço cemeterial sem as interferências pandêmicas no sentir e no fazer ritualístico do morrer, é o protagonista deste texto. Parte do Trabalho de Conclusão de Curso³ da primeira autora, orientado pela segunda, trazem dados que demonstram uma pesquisa etnográfica sobre emoções diante da morte, e nada melhor que os nossos próprios sentidos para aguçar novas perguntas, que às vezes são inevitáveis depois de estarmos sob ameaça iminente de um vírus desconhecido, letal, que alterou o mundo como conhecíamos até então. Falar sobre a morte, sobre as emoções associadas ao fenômeno e sobre seus ritos e lugares deixou de ser uma mera escolha temática.

Em contraste, durante a pandemia também visitamos e revisitamos o dia dos mortos e outros cemitérios. Através da Antropologia das Emoções, da Morte e da Arqueologia Sensorial, pretendemos explorar aqui visões múltiplas sobre a morte, nem sempre relacionadas ao sentimento negativo, além de também ser objeto de consumo através do turismo cemeterial. O espaço de análise mais significativo nesta pesquisa é o Cemitério Santa Izabel, equipamento urbano localizado no bairro do Guamá, fundado em 1878, e atualmente

³ Este artigo expõe dados do Trabalho de Conclusão de Curso da primeira autora, sob orientação da segunda autora, defendido em 2020, um ano antes da pandemia, e os densifica a partir de análises pré e pós-pandêmicas. Para ler o trabalho completo, ver Rodrigues (2020).

com cerca de 80.000 sepulturas de caráter perpétuo, ainda ativo, atendendo a demanda metropolitana do bairro e proximidades, além dos outros cemitérios da cidade como o Cemitério do Tapanã e o Cemitério São Jorge.

Apresentamos também uma visita no cemitério Nossa Senhora da Soledade, hoje Cemitério Parque, ambos em Belém, capital do estado do Pará. A visita ao cemitério mais icônico no Brasil, em termos de atividade turística, o Cemitério São João Batista, localizado no Rio de Janeiro/RJ, completam nossa análise sobre os impactos da pandemia nos usos e nos usuários destes espaços, realçando percepções sensoriais, registros e conexões relacionadas aos locais.

Concluiu-se então, que o praticar do rito funerário, antes grandiosamente vivido e reforçado, fora amplamente impactado e desordenado pela pandemia de Covid-19, rompendo com o ato de ir ao espaço cemiterial reservado para tais ritos simbólicos e físicos de sepultamento, sequenciando uma série de modificações e ausências corporais, emocionais e sociais.

SOBRE OS SENTIDOS E EMOÇÕES SOBRE A MORTE

Em *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim (2003) nos mostra que quando o indivíduo é fortemente ligado à sociedade da qual faz parte, sente-se moralmente constricto a participar de suas tristezas e alegrias. Desinteressar-se seria romper os laços que o unem à coletividade, seria deixar de querê-la, e assim contradizê-la. Caminhando por essa perspectiva, resgatamos o que Le Breton (2019, p. 149) nos conduz a analisar em *Antropologia das Emoções*, quando anuncia que as emoções não estão desvinculadas da formação da sensibilidade que o relacionamento com os outros enseja no seio de uma cultura e num contexto particular.

Sendo assim, o ritual de ir ao cemitério, aqui amplamente averiguado, nos tensiona a pensar sobre o quão interpelado está a ida ao cemitério, especialmente em Dia de Finados, acompanhado de todos os extras ao ato como comprar as flores, acender as velas, zelar pelo túmulo, fazer as manutenções. Tais datas com forte apelo simbólico, como retratados por Rodrigues e Silveira (2022), nos permite compreender as datas em geral como o Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, mas também nos fornece uma análise interessante sobre Finados e a dinâmica de interação, proposta por Simmel, articulada o movimento de estar inserido e executar o rito.

Freud (1996) postula o *Luto e Melancolia* alguns mecanismos presentes psiquicamente nas emoções diante da morte, e condensa o luto como uma reação à perda de um ente amado ou de alguma abstração que resiste nesse lugar, e sobre o mesmo registro, em algumas pessoas, a melancolia ao invés do luto. Contudo, ressalta que o luto não se trata de uma patologia, é apenas um período psíquico, já a melancolia se caracteriza por um abatimento doloroso, um conflito que cessa o interesse pelo mundo externo, que passa a caracterizar culturalmente o enlutamento como um momento de necessidade de afastamento social para o sentir recluso, hábito culturalmente preservado em muitas culturas.

As emoções são, portanto, segundo Le Breton (2019, p. 149), emanações sociais ligadas a circunstâncias morais e a sensibilidade particular do indivíduo, bem como as coletivas. O autor, seguindo esta fundamentação, nos informa que tais emoções não são meramente espontâneas, são ritualmente organizadas, reconhecidas entre si e exibidas aos outros, mobilizando vocabulários e discursos que provêm de uma ação social. Isto é, as emoções são a matéria viva do fenômeno social, a base que orienta o estilo das relações nutridas pelos indivíduos, distribuindo aos valores e as hierarquias que sustentam a afetividade.

Esta afetividade construída pelos membros do mesmo grupo social se inscreve num sistema aberto e suscetível de significados, valores e ritualismos, e cada emoção sentida emana do interior desta trama, oferecendo possibilidades de interpretação aos atores a respeito daquilo que eles sentem e percebem na atitude do outro segundo Le Breton (2019). Para reafirmar tal articulação, lembremos de Marcel Mauss (2001), em *A expressão obrigatória dos sentimentos*, quando nos traz uma avaliação pragmática afirmando que:

Mas todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso somente porque todo o grupo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica (Mauss, 2001, p. 153).

Com a morte, tais significações não se partem, bem como aplicam-se à ida ao espaço cemiterial. Há uma variedade de emoções, conforme apresentaremos na segunda seção deste artigo, que evocam e elucidam nossa sensibilidade diante da morte, e que enveredam para uma importante observação feita por Le Breton (2019), quando nos pontua que a maioria das sociedades associa a morte à tristeza, mesmo que elas lhe concedam um rito - aqui colocado

com a ida ao cemitério - cada uma à sua maneira. O significado cultural atribuído à morte orienta a tonalidade do funeral e a dor da perda. Sendo assim, o autor nos coloca que não é a morte que provoca dor, é o significado do qual ela se reveste aos olhos dos indivíduos, fazendo de sua propagação individual e coletiva um comando pela avaliação do sujeito e do grupo.

PRÉ PANDEMIA COMO MEMÓRIA HISTÓRICA: A IDA AO CEMITÉRIO SANTA IZABEL

Acostadas na monografia da primeira autora sob orientação da segunda autora (Rodrigues, 2020), nos foi possível observar e comparar os dados postos e entregues naquele contexto com os últimos dados colhidos em 02 de novembro de 2021, bem como, apesar de não vivido nas designações cemiteriais, o também Dia de Finados de 2020, que não aconteceu na capital pelos momentos críticos vividos no auge das ondas de Covid-19, nos permitindo uma análise da data antes e depois desse momento.

Os rituais, sendo então espaços-tempo formulados e reformulados culturalmente, por vezes negociados e renegociados socialmente, editados e reeditados simbolicamente, além de tensionados politicamente por meio de inúmeras formas de pertencimento e nas mais variadas demonstrações identitárias, compõem um cenário latente do imaginário belenense, bem como abarca inúmeras construções culturais, dentre elas, a ida ao cemitério.

Com estes significados, podemos nortear as diferentes intenções de ida ao cemitério, e conforme Rodrigues e Silveira (2022, p. 80) colocam, a ação do indivíduo em relação ao cemitério pode ter múltiplos objetivos – seja para a manutenção de um túmulo familiar, pagando por ele, inclusive, visando um lugar para si no terreno santo -; seja pela negociação sensível com os mortos com vistas a um lugar junto aos entes falecidos após a morte, ou pelo pagamento de promessas e rezas. Também afirmam que:

A alta circulação de pessoas no cemitério em datas simbólico-coletivas que tematizam a relação do homem com a morte pode ser compreendida a partir de um objetivo específico. Entendemos que o objetivo que ressalta das visitas ao cemitério nessa data está relacionado às experiências sensíveis da ordem do sagrado. Tais experiências propiciam um diálogo com os mortos pela via da prática ritual, que assegura uma negociação de sentidos em relação aos mortos diante da própria finitude do ser que ritualiza e que aspira um lugar de conforto espiritual pós-mortem, ou que simplesmente paga uma promessa diante de uma dádiva alcançada, uma graça, e, por isso mesmo, dirige-se ao cemitério e celebra coletivamente a relação com a morte/os mortos num dia específico votado à memória dos que pereceram (Rodrigues; Silveira, 2022, p. 80).

Por isso, não condicionamos aqui a ida ao cemitério por uma única razão, mas averiguamos as diferentes ações e emoções emanadas por nossos interlocutores diante das mais diversas funções no dia de Finados em 2019. Dos 50 respondentes, as categorias foram agrupadas em seis, sendo elas: 1. Visitante – para os que estavam somente visitando algum túmulo; 2. Trabalhador/a – para os que limpavam e lavavam as lápides; 3. Transeuntes – para os que estavam passando na frente do cemitério; 4. Vendedor/a – para os que estavam vendendo flores, água, comida; 5. Sepultador/a – para os que pertencem ao quadro de pessoal do cemitério; 6. Músico/a – para quem estava se apresentando na entrada do cemitério.

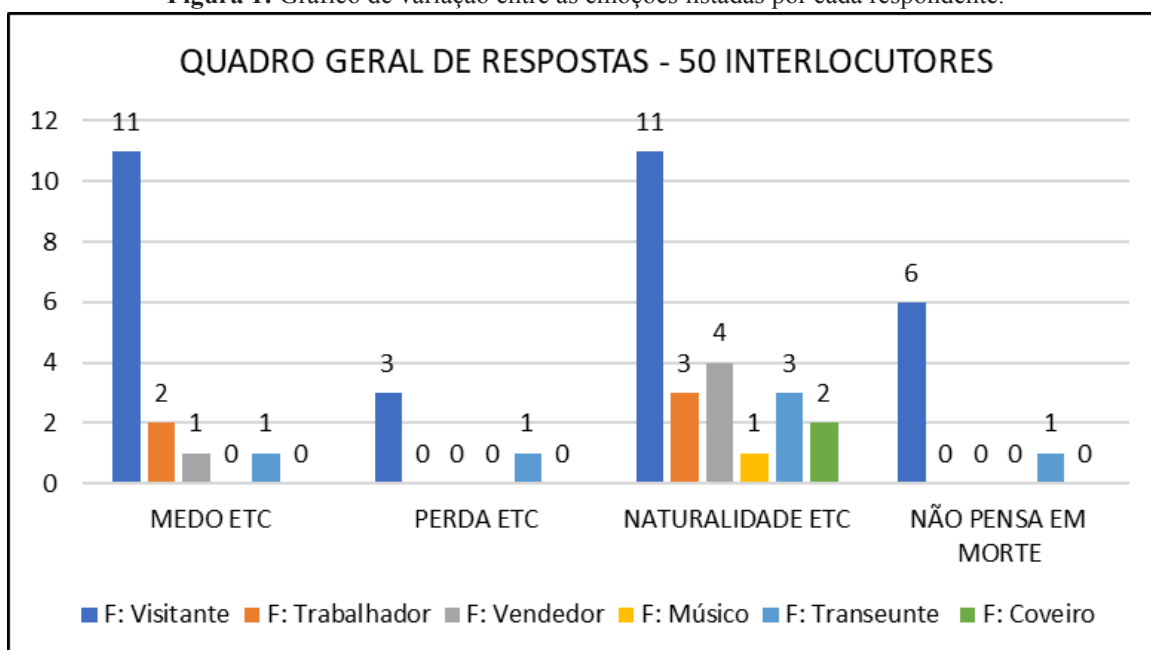
A partir dados levantados na monografia da primeira autora feita inteiramente no Dia de Finados no Cemitério Santa Izabel (PA), sendo a data escolhida por ser um momento carregado de emoções pessoais dos mais divergentes e por ser uma data de forte apelo simbólico (Rodrigues; Silveira, 2022), nos propusemos a visualizar um dia que é reservado para este momento, o momento de luto. Assim, adentramos o espaço físico e simbólico presente no dia em questão. Por ter fundamento cristão, no século V, o hábito de reservar um dia para rezar pelas almas dos que se foram, por respeito a sua memória, ainda permanece até os dias de hoje. A tradição envolve muita religiosidade e acontece pelo país à sua maneira, com direito a flores, velas e orações, à escolha de cada um (Castro; Fonseca de Castro, 2019).

O que norteou a entrevista foi somente um questionamento: “qual sentimento vem à tona quando você pensa na morte?”. A resistência, interesse, emoção e relutância foram algumas das posturas observadas logo após o proferir da questão. Ainda que, com semblante de susto ao ser questionado sobre isso, grande parte dos interlocutores se propuseram, de fato, a responder à questão de forma verbal e não verbal. O choro, silencioso, mas presente por entre algumas respostas, também denotavam o peso do que algumas respostas poderiam vir a ser ditas.

A partir deste agrupamento, a seguir, apresentamos uma análise conforme as categorias descritas acima, e casos também segregados em outras categorias e particularidades. Tendo como ponto de partida a variação das respostas, entendemos ser necessário analisar algumas variáveis como idade e religião, pois, em geral, os mais velhos responderam não ter medo e receber a morte com tranquilidade, porém, os mais novos responderam afirmando não pensarem na morte, e em geral, não declaravam explicitamente alguma religião. Isto posto, sendo a coleta conduzida num cemitério cristão, de antemão, supõe-se a filiação dos visitantes.

Na figura 1, apresentamos os dados, em sua totalidade, que denominam a categoria pertencente aos interlocutores que se apresentam com cores diversas e suas respectivas quantidades os apontando como: visitante – barra em azul escuro, trabalhador – barra em alaranjado, vendedor – barra em branco, músico – barra em amarelo, transeunte – barra em azul claro e sepultador – barra em verde. Abaixo das barras, estão descritas as emoções mais ditas que foram separadas em quatro grandes grupos para, posteriormente, serem avaliados individualmente grupo a grupo, bem como as emoções e a relação com a idade, além da função e fatores secundários como religião, que fora apontada somente por parte dos respondentes.

Figura 1: Gráfico de variação entre as emoções listadas por cada respondente.



Fonte: Elisa Rodrigues, novembro de 2019.

Ao todo, foram feitas 50 entrevistas, e diante das respostas agrupadas, verificamos uma repetição e, assim, organizamos em quatro grupos de respostas que contém relações dentro de um mesmo espectro de emoções, o que facilitou a leitura dos dados, a sistematização e compreensão destas respostas. Percebemos que todos têm uma opinião sobre a morte, e embora algumas dessas opiniões sejam carregadas de sentimentalismos, outros grupos de pessoas não se atentaram a pensar sobre este assunto, o que será muito marcado por questões específicas que serão tratadas em breve na leitura individual dos grupos de respostas.

Sendo assim, iniciamos o primeiro agrupamento de respostas, que foi sintetizado pela palavra “medo”, com o acréscimo de mais respostas como tristeza, dor, aflição e agonia, e 15

peessoas responderam ter este sentimento quando pensam em morte. O segundo grupo de respostas foi definido pela palavra “perda”, que se abrange às emoções de “vazio” e “ausência”, e quatro pessoas relataram estas emoções diante da morte. A terceira condensação de respostas consiste na palavra “naturalidade” e seus sinônimos: “descanso”, “passagem” e outros, e 24 pessoas responderam sentir paz neste processo. E por fim, a quarta resposta foi somente uma: “não pensa em morte”, e no total, sete pessoas responderam que acham a morte distante, e por isso, não param para pensar sobre ela.

Ao analisar estas primeiras respostas, percebemos que alguns dos relatos de emoções quase sempre estavam projetados para o outro, a morte do outro. Poucos foram os interlocutores que pensaram a respeito da sua própria morte, e quando pensavam, descreviam suas emoções também projetadas no outro, no âmbito social e no espaço que este ocupa: “o vazio que deixou no trabalho só causa ausência em mim”, afirmou uma respondente, ao expressar seu sentimento sobre a morte, projetando este sentimento no espaço que o outro ocupava em sua vida.

As respostas carregavam uma preocupação diante de como o outro ficaria, esse outro aparecia no discurso em diferentes personalidades, podendo ser os filhos, os pais ou a empresa. Isto marca uma característica importante na pesquisa: os interlocutores apontaram que a morte é analisada em primeira pessoa e se direciona para a terceira pessoa, é uma visão pessoal sobre algo que acontece com o outro, mas que depende inteiramente de um registro individual sobre como ocorre, para que este consiga ser interpretado.

O manejo do luto feito por nós mesmos também impacta o processo, bem como no modo em como tal luto será elaborado, e esse processo acontece diante das tantas visualizações e registros feitos anteriormente durante a vida vivida. A morte do outro molda a própria visão do que é a morte e o morrer. É um processo de registro emocional de reações, emoções e de construções sobre essas emoções, que podem ser atravessados por diversos marcadores, como cultura e religião. Todos os interlocutores eram de um mesmo grupo religioso, o catolicismo, e suas idades variaram dos 25 anos até os 90 anos, o que nos permite concluir que, a religião, nesses interlocutores, oferece um espaço seguro e de suporte, uma vez que as respostas não se apresentaram seguidas de um conforto, e sim, de um temor.

Contudo, quando também se associou morte à religião, percebeu-se que alguns viam esperança de superação daquele momento em sua fé para amenizar seu sofrimento, no entanto, não podemos tomar como padrão tais respostas, pois não se aplicavam a todos os

interlocutores. Alguns deles, ainda que respondessem ter fé, relataram sentir aflição e angústia diante da morte, medo do desconhecido.

As respostas foram se alterando e passando de emoções negativas consistentes para um espectro de emoções de perda, vazio e ausência. Ainda que em tom negativo e doloroso, a interpretação desses interlocutores a respeito da morte os fazia perceber que já havia ocorrido o fenômeno, e que o que ficara era a sensação de falta e ausência diante da morte do outro. Somente quatro pessoas responderam sentir essa falta e eram todas, também, de um mesmo grupo religioso – catolicismo. Suas idades variam entre os grupos de adultos e jovens, onde três estavam visitando algum parente ali sepultado e um deles era transeunte circulando em frente ao cemitério neste dia.

O grupo de pessoas que responderam sentir emoções neutras ou positivas em relação à morte compõem o menor número de respostas da pesquisa exploratória. Infere-se que isto significa que poucas pessoas conseguem compreender a morte de uma maneira não necessariamente fúnebre e negativa, e que por isso, têm maior dificuldade em lidar com a perda. As mudanças de perspectiva ficam mais latentes e compreensíveis também nas categorias pré-definidas dos respondentes. Mesmo que a morte esteja posta para todos, visitantes e transeuntes se mostraram, de fato, de passagem por essa sensação, demonstrando emoções pelo acontecimento, mas se distanciando individualmente dele. A morte, então, assim como o que os levou na referida data ao cemitério, aparentemente, se mostrara também como uma visita para eles, compondo sentimentos passageiros, que não se instalam.

O terceiro grupo de respostas, composto por adultos e seniores, obtiveram uma maior positividade de emoções. Todos os 24 respondentes, ao relatarem suas emoções, demonstraram esperança diante da morte e demonstraram não ter medo de lidar com ela. As respostas foram: naturalidade, passagem, paz, descanso e aceitação, e remeteram à compreensão total do sentimento de tristeza que ficará para quem acompanhar este ocorrido, assim como de plena conformidade dos que passarão por ela. Neste grupo houve uma maior variação de funções e de religiões, e pudemos notar que ela influencia consideravelmente no amparo que as pessoas encontram diante da morte. As respostas, que vieram sempre acompanhadas de frases de fé, nos mostraram que o suporte religioso que conduz à crença de que a morte é apenas uma passagem para uma outra vida, acaba acolhendo e inibindo o sentimento de medo diante desta finitude, visto que ela não é enxergada como o fim, e sim, como um novo começo.

Dentre os interlocutores, 11 eram visitantes no cemitério, três eram trabalhadores do quadro administrativo cemiterial e quatro eram vendedores ambulantes. Um era músico, três eram transeuntes em frente ao cemitério e dois eram sepultadores. As religiões identificadas nas respostas foram Umbandismo, Espiritismo, Protestantismo e Catolicismo, e as idades variam entre o grupo de adultos; os que classificamos como jovens de 25 a 50 anos; e o de sêniores com idades entre 50 e 90 anos.

O último grupo de respostas é composto por uma única devolutiva, e curiosamente, por um único grupo de idade e de religião, o que nos surpreendeu após nos deparamos com esta categorização estranhamente harmoniosa. Todos os respondentes, que correspondem a sete no total, são jovens, com idade abaixo dos 25 anos, e nenhum apresentou em suas respostas ter religião alguma, ser credor de alguma doutrina ou mostrou-se entoando alguma fé, e ainda que seja um dado secundário às respostas, foi um marco que notamos nesse momento.

Nos chamou atenção, durante as respostas, o afastamento completo de qualquer perspectiva a respeito da morte, pois os mesmos a relacionavam com um período distante, a velhice, ou mesmo com acidentes e doenças trágicas como o câncer, não se colocando como alvo em momento algum. O distanciamento de pensamento e, por conseguinte, das emoções, é um dado interessante se relacionarmos com suas funções: seis eram visitantes de algum parente ali enterrado e somente um era transeunte do lado de fora do cemitério. Ainda que houvesse um contato com a morte por parte dos visitantes, todo o acontecimento atrelado ao ritual e Dia dos Finados era incomum e indiferente ao cotidiano dos interlocutores do grupo quatro de respostas, e por não demonstrarem ter alguma fé ou amparo religioso, não temiam ou sentiam conforto ao pensar na morte, pelo contrário, não pensavam sobre ela por parecer ser algo distante e por isso, não tinham que encará-la.

PERCEPÇÕES SENSORIAIS A PARTIR DO OLHAR DA ANTROPOLOGIA

A dimensão sensorial como parte fundamental de expressão e funcionamento do espaço cemiterial é específica e rica em detalhes. Os estímulos sensoriais como cheiros, sons, imagens e temperaturas foram itens norteadores na conduta e escrita da pesquisa e deste artigo. Em sua *produção de sentido*, Alice Ferreira (2014, p. 388) disserta sobre tais dimensões sensoriais, e afirma que, assim como em parte do andar desta pesquisa, conseguimos notar e resgatar “uma realidade que a priori não tinha”.

A intenção também foi captar sensações presentes no ambiente a partir da percepção em meio sensorial corporificado, da movimentação e relações presentes no Cemitério para nos apoiarmos na sensorialidade, e assim, reconhecendo e experienciando que a “subjetividade não surge na mente ou na consciência, mas está no corpo” (Tilley; Cameron-Daum, 2017, p. 6).

Experimentando tais cargas sensoriais, percebemos que em Finados de 2019, por volta das 08:30, o sol já estava quente, intimidando a visita de alguns transeuntes que se expunham o calor ardente de Belém do Pará. As ruas já estavam tomadas de carros, buzinas, pessoas andando em direção ao cemitério e uma infinidade de velas, flores, água, comida e outros tantos estímulos visuais e auditivos que pareciam nos engolir pela velocidade com que surgiam (Simmel, 2005), e com um pouco de dificuldade, passando pelos carros e pelas bancas, conseguimos entrar no Cemitério.

O cheiro de fumaça é característico assim que se adentra ao Cemitério, mas em Finados, esse cheiro se intensifica pela grande quantidade de velas acesas. E assim que entramos, já visualizamos a queima intensa de velas no túmulo de Camilo Salgado, um dos santos milagreiros do espaço. Cada devoto, com suas velas em mãos, faziam suas preces e enfeitavam o espaço. A visita ao túmulo de Camilo Salgado também foi expressiva em Finados de 2021, e por ser pandemia, os devotos foram ao local rogar por saúde e fazer suas promessas.

As abordagens foram céleres, não tivemos muitas resistências. Andamos pelo espaço e abordamos alguns grupos, pessoas sozinhas, mães e filhos, avós e netos, o que nos forneceu dados de diferentes faixas etárias. Depois dessas abordagens, caminhamos pelo espaço para registrar alguns túmulos, oferendas, despachos, santos milagreiros e a movimentação dos sepultadores, zeladores, administração, floristas e outros grupos presentes no espaço.

Para a primeira autora, a cada Finados, há a companhia da dívida com seu pai, falecido em 2012, por não poder comparecer ao cemitério onde ele está sepultado para ritualizar, tal qual todas as pessoas observadas fazem nessa data anualmente. Essa dívida comparece dias antes e a acompanha durante o campo, e talvez seja essa a questão que a permite notar algumas particularidades para além do que tem procurado - as emoções -, como os trejeitos de fala, a expressão corporal, a emoção de se estar no local “cumprindo” o ritual e fazendo a manutenção deste momento.

Conseguimos notar, entrevista após entrevista, o lugar que as pessoas davam a quem estava ali em sua memória e emoções: “ele vai comigo nesse cordão”, “está comigo nessa foto

que levo na minha carteira”, “só trago flores brancas porque era a sua cor preferida”, e outros relatos soltos em suas falas diante da pergunta de pesquisa. O lugar físico, fora do espaço cemiterial, por vezes seguia os usuários que ali estavam ritualizando, sendo uma espécie de amuleto ou proteção. A companhia ainda que em outro plano, amortecia a dor do luto, o que interpelou a primeira autora e a fez retornar a pensar o próprio luto, e procurar na memória o que era seu amuleto quanto a isto: parte de sua pesquisa.

Estando no cemitério até às 15:00, foi conseguido um bom resultado: 50 interlocutores e muitas emoções. Lembramos de todo o volume de respostas e perspectivas com frustração em Finados de 2021, cujo dia não proporcionou metade das informações outrora existentes. Neste dia, tornou-se perceptível que a pandemia tornou o cemitério um espaço de temor. A ausência do corpo, as mortes em excesso, a não ritualização em 2020 pelo auge da pandemia e outros fatores impactaram drasticamente a ida ao cemitério em 2021. As pessoas se locomoviam lentamente, algumas pareciam estar perdidas, pois mal sabiam em qual local estava sepultado seu ente por não ter tido a oportunidade de enterrá-lo, já que muitos desses mortos eram da Covid-19.

Os relatos, após tantas mortes, eram mais densos e doloridos: "não quero estar aqui por esse motivo (a pandemia), não quero morrer assim, sozinha". A gratidão singela e tímida acompanhava alguns rostos apenas por serem ouvidos e vistos, que por vezes se alegravam ao ver os gatos - moradores do Cemitério Santa Izabel e também parte do imaginário por serem pretos. Estes não-humanos costumam passear pelas pernas dos usuários, e ganham, vez ou outra, colo e ração dos visitantes e trabalhadores do espaço enquanto limpam ou ornamentam os túmulos. E assim, com um deles nos braços, a primeira autora foi entrevistada⁴ por um jornalista do Jornal O Liberal sobre o Dia de Finados.

Neste Finados, a distância e o medo das pessoas em estar naquele lugar era visível. O silêncio do espaço, como costuma ficar, pairava, e a única disputa além das vozes dos zeladores em busca de serviço eram os pássaros. A movimentação mais densa do espaço foi durante a manhã, quando houve a missa. Após às 09:00, o cemitério começou a esvaziar. O dia se concluía assim, manso, frio, rígido e curto, e fechando suas portas às 16:00, o Cemitério já era um completo vazio, com o trânsito dos sepultadores já guardando suas

⁴ Matéria disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/em-belem-cemiterio-santa-izabel-tem-movimentacao-intensa-no-dia-de-finados-1.454883>

enxadas, carrinhos de mão e lavando seus rostos suados do dia na cidade cemiterial (Rodrigues, 2023).

O CEMITÉRIO ENQUANTO ESPAÇO DE CONSUMO: O LUGAR DA POESIA, UM ESPAÇO PARA NOSTALGIA

A solidão e a nostalgia de um cemitério pode ser uma ótima companhia em tempos de pandemia. Espaços abertos, sem aglomerações em dias comuns, tornam-se escolhas mais comuns para consumidores de um segmento turístico pouco explorado no Brasil, o turismo fúnebre, cemiterial (Stone; Sharpley, 2008). Ao mesmo tempo, observar sobre a experiência sensorial em locais turísticos (Synnestvedt, 2006) não chega a ser uma novidade; algo que a segunda autora recomenda também como observação participante total (Godoy, 2019). Imergir na experiência é também percebê-la através dos sentidos. Assim, Pellini (2016) afirma que

Somos seres corporificados e, como tal, experimentamos a materialidade do mundo através de nossos corpos e de nossos sentidos. Não há nada mais essencial em nossas vidas do que isso. Todas as nossas experiências enquanto seres corporificados são experiências sensoriais, desde que dependemos dos sentidos para vivenciá-las. Sem nossos sentidos não poderíamos vivenciar o mundo que nos cerca (Pellini, 2016, p. 143).

O Dia de Finados e o próprio cemitério foram observados antes de depois da pandemia, registrados, vividos e sentidos pela segunda autora. Porém, desta vez como cenários para outros tipos de visita. O turismo macabro ou turismo sinistro, que inclui o turismo cemiterial ou *Dark Tourism* (Stone; Sharpley, 2008), parte do uso turísticos de lugares que remetem a tragédias como Pompéia na Europa, à morte como nos cemitérios, à acontecimentos terríveis, como campos de concentração, à lugares que remetem ao sofrimento humano, como hospícios, a lugares violentos, como presídios. Em Belém, quem visita o Museu de Gemas, ou Pólo Joalheiro, tem a oportunidade de conhecer uma antiga cela do presídio que ali funcionava. Ambiente colonial, paredes grossas e claustrofóbicas, onde se vê sem pudor objetos de tortura, inclusive sexuais, uma cultura material de um passado recente e enquadrado. Este tipo de turismo, ainda meio que exótico, inspirou as visitas que veremos a seguir.

Em 2014, naquele passado tão recente e tão distante da atual atmosfera pandêmica, por escolha provocativa, ocorreu a primeira visita coletiva do GATA⁵ - Grupo de Pesquisa em Antropologia do Turismo na Amazônia, liderado pela segunda autora, Renata de Godoy. Visitamos o Cemitério Nossa Senhora da Soledade. Trata-se de um espaço desativado enquanto cemitério (Figura 2), mas requalificado em 2023, e foi tombado pelo IPHAN em virtude de uma forte demanda imobiliária, em meados do século XX. Era também um Dia de Finados (Figura 3), até porque este cemitério, por estar desativado, tem frequência de visita bastante restrita. O sentimento do grupo era de curiosidade.

Figuras 2 e 3: Visita do GATA ao cemitério da Soledade, em novembro de 2014, Belém/PA.



Fonte: Renata de Godoy, novembro de 2014.

Além do dia dois de novembro, o Cemitério Soledade abre todas as segundas-feiras, para atender uma demanda bastante peculiar de Belém: o Culto das Almas. Walcyr Monteiro (2012) narra com maestria o universo encantado em Belém, no Pará. Na Amazônia, Monteiro explica que trata-se de um culto ancestral, especialmente voltado para mortos não beatificados aos quais se atribuem graças. Tais personalidades atraem devotos, como é o caso do Menino Cícero no Soledade (Figura 3).

Tais entidades podem ser representadas pelas mais diferentes categorias, como advogados que dão graças aos da área do Direito; médicos para milagres da saúde; crianças pois são inocentes e evocam tragédia. Era um dia quente, éramos um grupo de dez pessoas, mais ou menos; um grupo composto por atores interessados em patrimônio cultural e turismo. Éramos cuidadosos com as imagens, com os rituais que ocorriam aqui e ali, naquele lugar que

⁵ O grupo de pesquisa destina-se a investigações sobre processos de uso turístico, sejam baseados em comunidades tradicionais, em zonas urbanas ou rurais, usufruindo de patrimônios ambientais e culturais, que estejam situados na Amazônia, cadastrado no CNPq em 2016, com duas linhas de pesquisa: Práticas turísticas, dinâmicas territoriais e urbanização, Turismo e Arqueologia.

estava meio abandonado, alguns túmulos violados e ossos à vista, no chão. Não obstante, belíssimo na arquitetura dos jazigos, naquele lugar que representa o passado trágico, da febre amarela e da cólera na Amazônia urbana do século XIX (Rodrigues, 2012). Hoje ele está em reforma, e deverá abrir-se à visitação, em investimento que reflete sim o mercado consumidor.

Em *Sentido oculto dos ritos mortuários*, Bayard (1996) afirma que a ida ao cemitério faz parte do processo de luto, está atrelado a esse rito fúnebre. O autor situa o que chamamos de Dia de Finados como “culto dos mortos”, o que se assemelha bastante ao “culto das almas”, ritual que também acontece no Cemitério da Soledade, o segundo cemitério mais antigo da cidade de Belém. Tal processo independe de por quais almas está se velando ou emanando preces, sejam elas próximas ou santas, o rito estabelecido tem seu objetivo atingido: o processo de luto executado.

Após Finados de 2020 sem sua ritualização no Cemitério Santa Izabel por conta do auge de sepultamentos da pandemia, notamos um grande rompimento deste ato como um todo de ir ao cemitério, comprar as flores e velas, as acender, cuidar do túmulo e fazer as preces, bem como a visita aos santos milagreiros, que diminuíram drasticamente no último Finados acompanhado em 2021.

Figuras 4 e 5: Finados em 2021 no Cemitério Santa Izabel, com espaço sem densa movimentação.



Fonte: Elisa Rodrigues, 02 de novembro de 2021.

O Cemitério São João Batista foi opção de passeio turístico para a segunda autora, que em julho de 2021, registrou sua visita solitária e às vezes nostálgica, mesmo sem nunca ter estado lá. Personalidades diversas estão sepultadas ali, sendo um espaço inédito e familiar, unindo qualidades quase irreconciliáveis. Nas figuras 6 e 7 alguns registros de romancistas e poetas famosos, do passado distante como José de Alencar, ou nem tanto como Cazusa, tornou-se um lugar vibrante apesar de triste, novo ao invés de velho, acolhedor ao invés de cruel. Para a segunda autora, reconhecer que “o tempo não para”, tanto pela memória dos anos de 1980 que tal frase atíça, quanto por suas múltiplas interpretações, evocam emoções de entusiasmo ou desânimo, num estranho paradoxo.

Figuras 6 e 7: Jazigo de José de Alencar e detalhe no túmulo do Cazusa, no Cemitério São João Batista



Fonte: Renata de Godoy, julho de 2021.

Ao apresentar novas percepções associadas ao lugar da morte no Brasil urbano, inserimos também novas vivências que não necessariamente precisam estar associadas às emoções dolorosas, mesmo que estejam intimamente relacionadas à morte. Observar estruturas, paisagens, jazigos e a decoração característica de cada tempo, é observar emoções tangíveis, palpáveis nos símbolos e nas frases, como bem colocam Bezerra e Najjar (2009) em *semióforos do nosso passado*, metáforas sólidas cunhado por Tilley.

Para além da baixa interação com o espaço cemiterial, a dinâmica de troca não deixou de acontecer intensamente somente com o espaço, mas diminuiu também com os personagens presentes na necrópole. Conforme imagens 8 e 9 mostram, os dois momentos retratados nas duas imagens dizem respeito à visita nos túmulos dos santos milagreiros do Cemitério Santa Izabel, sendo a primeira imagem, referente ao túmulo de Camilo Salgado, grande médico que intercedia pelos pobres na cidade, e seguindo o imaginário local, o mesmo ainda faz milagres;

e o segundo túmulo, mausoléu de Severa Romana, mártir da defesa pela honra, ao ser morta por lutar contra o assédio, sendo a primeira imagem no ano de 2019, pré-pandemia, e a segunda imagem, no ano de 2021.

Figuras 8 e 9: Túmulos de santos milagreiros no Cemitério Santa Isabel.



Fonte: Elisa Rodrigues, respectivamente, 02 de novembro de 2021.

Rodrigues e Silveira (2022) determinam, por meio de uma compreensão antropológica, que a alta circulação nos espaços cemiteriais está condicionada ao imaginário simbólico do cemitério, ao rito fúnebre que visa dar conta do trabalho do luto e à existência do dia de Finados, data institucionalizada e estabelecida coletivamente no calendário brasileiro, e que goza de uma popularidade para além de seu aspecto institucional, conforme DaMatta (1997). Esses elementos acabam sendo repertório socioculturais que mediam a experiência de ida ao cemitério em finados, que tem como um de seus objetivos, rememorar e realizar homenagens à memória de um ente, conduta que também pode ser compreendida mediante ao trabalho psíquico do luto, que, também se estende aos santos milagreiros, por também desempenharem esse papel de tributo em detrimento de alguma prece, proteção ou graça alcançada.

Com esses tipos de visitação, para além do rito fun reo, tais túmulos acabam se tornando um artefato que Jacques Le Goff (1990) denomina como um monumento funerário,

um monumento “[...] destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte” (Le Goff, 1990, p. 462), fazendo dessas mortes partes constituintes essenciais da data de Finados, tornando a alta circulação no cemitério uma peregrinação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um total de 50 respondentes, conseguimos captar uma enorme variabilidade de emoções diante da morte, expressada nas mais diferentes emoções ditas, além das expressadas via linguagem não verbal, também notadas com importante complementação às falas dos interlocutores e apresentando a lida individual quanto ao que sentem quando pensam sobre a morte. As imagens também são importantes testemunhos do impacto causado pela pandemia no rito de ida ao cemitério, usando como exemplo o comparativo entre o Cemitério Santa Izabel, em Belém do Pará em diferentes anos, o cemitério Nossa Senhora da Soledade, também em Belém; e o icônico Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, o último visitado na pandemia.

As imagens, os dados primários coletados em 2019, bem como dados relativos às percepções sensoriais das pesquisadoras, demonstram diferentes motivações do ato de ida ao espaço. No caso das memórias dolorosas, faz com que a elaboração e o trabalho do luto sejam completados e finalizados materialmente, observando que, uma das grandes queixas das perdas pandêmicas é a ausência de despedida do corpo. Tal aspecto material macabro, que remete sobre corpos e remanescentes humanos (Godoy; Santos, 2017), é também um objeto de pesquisa legítimo e necessário, na medida em que se refere à prática eticamente responsáveis e sensíveis. Neste texto, seja a partir dos espaços fúnebres, ou mesmo das fantasias relacionadas ao macabro e à morte, observamos a cultura material em seus aspectos visíveis e invisíveis, objetivos e subjetivos, através da Arqueologia Sensorial, no escopo da Arqueologia do Contemporâneo, tema de interesse da segunda autora.

Seguidas de tantas variedades de emoções e emoções a respeito da morte, atreladas à quantidade de pessoas presentes no espaço cemiterial em Finados de 2019, percebemos que a pandemia de Covid-19 rompeu drasticamente com essa movimentação, e conseqüentemente, com o sentir e o trabalho do luto no espaço cemiterial em Finados de 2021. As emoções, tão intensamente sentidas e vividas em 2019 e 2021 nos fornecem uma gama de dados e experiências, nos diferentes espaços cemiteriais do país, que nos permitiram analisar o rito

funéreo em sua essência e em seu movimento de retorno após o auge da pandemia, e ainda que timidamente, recomeça a aparecer nos espaços cemiteriais, nos seus cruzeiros e em seus santos populares.

As vivências e as percepções da subjetividade e corporificação pessoal, unidas ao sensorial e às emoções contidas no interno e externo do espaço, nos permitiram, junto à visualização da associação das atividades de reprodução social presentes e os processos de percepção dos sentidos e estímulos locais que, reverberando na sua singularização, nos remeteram às conclusões presentes no decorrer do artigo, e nos proporcionaram a validação da ida ao cemitério bem como as emoções, sendo este, um percurso que assenta-se também nas transposições que se faz de um domínio sensorial a outro (Tilley, 2014).

REFERÊNCIAS

BAYARD, J. P. **Sentido oculto dos ritos mortuários: Morrer é morrer?** São Paulo: Paulus, 1996.

BEZERRA, Márcia; NAJJAR, Rosana. ‘Semiófoso da riqueza’: um ensaio sobre o tráfico de objetos arqueológicos. **Habitus** v. 7 n.1/2, p. 289-307, 2009.

DE CASTRO, Mariana Ramos Neves; FONSECA DE CASTRO, Fábio. Rituais de memória e temporalidade num Dia de Finados. **Sociedade E Cultura**, 22(1). 2019.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, Alice. O paradigma da descrição na tradução etnográfica: Levi-Strauss tradutor em *Tristes Tropiques*. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 36, n. 4, p. 383-393, 14 nov. 2014.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In: _____. **A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GODOY, Renata de; SANTOS, Emilly C. B. dos. Restituição de acervos arqueológicos: novas soluções ou antigos problemas? **Revista de Arqueologia Pública**: 11(2), p. 98-113, 2017.

GODOY, Renata de. O Antropólogo Turista: da retórica à prática. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 17, n. 6, p. 1191-1204, 2019.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: **Ensaio de Sociologia**. Tradução de Luiz João Gaio e J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva. 2001.

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e assombrações de Belém**. 6 Ed. Belém: Cromos Editora, 2012.

PELLINI, José Roberto. Rituais: afetos, sentidos e memórias. Uma proposta. **Habitus**: Goiânia, 14(1), p. 141-156, jan/jun. 2016.

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Duas faces da morte**: o corpo e a alma do Cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém/PA, 2014. 425 fls. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural). IPHAN, Rio de Janeiro, 2012.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves. **Antropologia mortuária: sentimentalismo contemporâneo acerca da morte**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/3812>. Acesso em: 20 ago. 2022.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves; SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. Às portas das cidades urbana e cemiterial na cidade de Belém (PA). **Revista Conhecimento Online**, [S. l.], v. 1, p. 67-85, 2022. DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v1.2867>. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/2867>. Acesso em: 20 jul. 2023.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves. **Espaços da morte na vida vivida e suas sociabilidades no Cemitério Santa Izabel em Belém-PA: Etnografia Urbana e das Emoções numa cidade cemiterial**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Pará, 2023.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, n. 11, v. 2, p. 577-591, 2005.

STONE, Philip & SHARPLEY, Richard. Consuming Dark Tourism: A Thanatological Perspective. **Annals of Tourism Research**: 35(2), 574-595, 2008.

SYNNESTVEDT, Anita. Who wants to visit a Cultural Heritage Site? A walk through an Archaeological Site with a Visual and Bodily Experience. **Images, Representations and Heritage**, edited by I. Russell, p. 333-351. Springer, New York, 2006.

TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem. Uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014. DOI: 10.31239/vtg.v8i1.10599. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11838>. Acesso em: 28 fev. 2022.

TILLEY, Chris; CAMERON-DAUM, K. The anthropology of landscape: materiality, embodiment, contestation and emotion. In: **Anthropology of Landscape: the extraordinary in the ordinary**. UCL Press, London, 2017.